

## Futebol, masculinidade e a “amizade sem limites”

*Soccer, masculinity and the “limitless friendship”*

**Leonardo Turchi Pacheco**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1450>

DOI: 10.4000/pontourbe.1450

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

ISBN: 1981-3341

**Referência eletrónica**

Leonardo Turchi Pacheco, « Futebol, masculinidade e a “amizade sem limites” », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1450> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1450

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Futebol, masculinidade e a “amizade sem limites”

*Soccer, masculinity and the “limitless friendship”*

Leonardo Turchi Pacheco

---

## Introdução

- 1 Futebol, masculinidade e amizade quando conjugados em uma mesma frase geram suspeitas.
- 2 Não que atletas de futebol não possam ter amigos de infância ou ser amigos uns dos outros. De fato, como demonstra Damo (2007) e Rial (2006), eles possuem uma rede de relações de apoio e de reciprocidade – um *entourage* constituído por uma família extensa e amigos – que os acompanham e são seus dependentes.
- 3 As relações entre estes sujeitos, certamente, possuem alto grau de intimidade e solidariedade. Ora, amigos são alojados em quartos nas casas destes atletas no exterior (Rial, 2006) para dar-lhes segurança ontológica no desafio de iniciar um projeto de vida em um clube estrangeiro. Companhia pessoal e trabalho impessoal se misturam nesta configuração relacional. Pois que os amigos (e também os parentes) não somente fazem as vezes de apoio emocional, mas também se incumbem de apoios práticos – desde organizar festas até cuidar da conta bancária do atleta.
- 4 A suspeita, quando evidenciada, recai sobre o excesso de afetividade e sobre o erotismo entre os envolvidos, sejam estes atletas ou não. Nunca é demais enfatizar que as relações homoafetivas na esfera dos esportes são marcadas por um profundo silêncio e demasiada ambiguidade. Sabe-se que elas existem, mas raro são os casos que se tornam públicos. Em especial no futebol os relatos ligados a homoafetividade e homoerotismo são utilizados através da ironia ou, geralmente pelos torcedores, para desqualificar, denegrir e provocar os jogadores e torcedores do time adversário. Não é comum a mídia esportiva explorar a afetividade e a intimidade de forma tão enfática de modo a aludir uma relação

homoerótica entre atletas. Quando isso ocorre, geralmente é porque extrapola a esfera do campo esportivo.

- 5 Foi o que aconteceu em 2010 no crime envolvendo o então goleiro do Flamengo e a sua amante. Esta havia desaparecido e ele foi acusado do desaparecimento. Meses e anos de investigação se seguiram até que em 2013 o atleta e seu amigo foram condenados pela morte, com requintes de crueldade, da amante. Entre as justificativas para o assassinato a mídia enumerou uma série de motivos. Entre eles estava a suspeita de uma paixão proibida do amigo pelo atleta. A tatuagem nas costas do primeiro era um dos indícios para tal suspeita. Afinal estava escrito o nome do atleta e o do amigo com a mensagem “(...) amor eterno, nem o tempo irá apagar”. Mas certezas sobre esta possibilidade foram rejeitadas, pois o atleta era tido como um “ganhão e namorado”. Possuía vários relacionamentos concomitantes com mulheres diversas, incluindo sua ex-esposa, sua noiva, a amante, entre outras. De qualquer maneira nada foi comprovado e as acusações de homoerotismo se dissiparam na névoa das dúvidas e ironias. E o silêncio prevaleceu.
- 6 Para produzir pequenos ruídos sobre temas silenciados na esfera do esporte (como é o caso de amizades íntimas, relações de afetividade e emoções exacerbadas) me debruçarei sobre o caso de amizade entre Leandro e Renato. Este artigo é uma proposta de reflexão sobre a relação entre masculinidade, amizade e futebol para compreender o significado da categoria “amizade sem limites” e suas posteriores ressignificações. Deste modo se utiliza do olhar da imprensa esportiva – reportagens publicadas nos periódicos Estado de Minas, Folha de São Paulo, das revistas Placar e Veja entre janeiro de 1985 e julho de 1986 – e de um depoimento de um informante que participou das eliminatórias e da Copa do México de 1986.
- 7 O texto está encadeado em duas partes. No primeiro momento são resgatados os acontecimentos que culminaram com o desligamento de Renato Gaúcho da equipe que iria a Copa do Mundo. Estes acontecimentos visam ressaltar, através dos relatos da mídia, a tensão existente entre o atleta e a figura do treinador no que tange a questão da autoridade. Além disso, enfocam sempre pelo olhar da mídia as diferenças da masculinidade dos dois atletas: Renato é retratado como uma figura de temperamento forte, agressivo, sedutor e subversivo, ao passo que Leandro o é como uma figura passiva, indecisa e com problemas psicológicos.
- 8 Em seguida será explorada a deserção de Leandro: fato inédito na história das Copas do Mundo. É neste momento que o discurso de “amizade sem limites” adquire sentido e torna-se uma acusação de perda de masculinidade. Outros discursos vêm à baila para silenciar a categoria precedente e para negociá-la, transformando-a em algo menos ameaçador e mais compreensível para o público masculino aficionado pelo esporte.

|

- 9 A biografia de Renato Gaúcho escrita por Neves (2002) possui cinco capítulos que tentam explicar o que ocorreu na noite que desencadeou seu corte e os desdobramentos que culminaram com a renúncia de Leandro. A biografia de Telê Santana escrita por Ribeiro (2000) menciona em outros três capítulos todo o caso. As revistas Veja e Placar, e os jornais Estado de Minas e Folha de São Paulo produzem os discursos especializados sobre o caso. Mas os fatos são nebulosos e descontraídos. Devido a estes múltiplos enfoques “as verdades” sobre o que aconteceu são diversas.

- 10 Em todos estes documentos os relatos iniciam com o dia de folga que o técnico Telê Santana proporcionou aos jogadores convocados. A concentração, no centro de treinamento da Toca da Raposa em Belo Horizonte, já durava algumas semanas e iria durar mais vinte dias antes do início da Copa do México. Para aliviar a tensão que envolve todo o processo concentração, marcado pela rigidez, isolamento, competitividade e controle físico e mental dos atletas, um “dia de folga” foi destinado para o lazer. Lazer comedido, pois havia um horário delimitado para os prazeres terminarem e o trabalho reiniciar.
- 11 É relevante ressaltar, em relação aos discursos sobre o período de concentração, que os atletas devem renunciar às impurezas mundanas para transformar o corpo e ajustá-lo à competição. Wacquant (1998, 2002), em seus estudos sobre boxe, evidencia esta discussão através dos rituais de purificação do corpo e da mente. Este autor percebe nos discursos dos pugilistas uma associação do corpo com a máquina, com a arma letal e como uma ferramenta de trabalho que necessita passar por limpezas. Assim a limpeza corporal também exige a limpeza mental. No encontro dessas duas preocupações com o corpo e a mente é que reside a força do atleta; só nesse momento ele consegue retirar o máximo de benefícios disponíveis de seu corpo, maximizando sua performance. Estes benefícios só são alcançados através da ética do sacrifício e da renúncia dos prazeres mundanos no isolamento das concentrações.
- 12 Ora, em competições como a Copa do Mundo, os jogadores de futebol, assim como os pugilistas em suas respectivas competições, são submetidos a uma rotina rigorosa na qual o álcool, as drogas, as comidas gordas, o sexo e as mulheres – namoradas, esposas, amantes – devem ser eliminados do contato cotidiano. O mais importante, no entanto, é a renúncia à atividade sexual. É preciso se afastar do contato sexual, visto como poluidor, pois tornaria o atleta fraco, sem vigor, mole e feminino ante os desafios a serem enfrentados. Existe a ideia de que a renúncia sexual, por ser um sacrifício, pode ser convertida em agressividade e concentração nos momentos decisivos das competições.
- 13 Pois bem, os relatos informam que Renato e Leandro “esticaram” o churrasco que acontecia na casa do jogador Éder e foram parar na Savassi, bairro boêmio de Belo Horizonte. Depois de perderem o horário estabelecido por Telê Santana, voltaram para a concentração bêbados. Uns dizem que tentaram pular o muro e não conseguiram devido ao estado etílico, outros afirmam que depois de convencerem o segurança adentraram pelo portão principal e há ainda relatos que o próprio Telê estaria na porta para recepcioná-los.
- 14 Neves (2002) afirma que os repórteres Marcelo Rezende e Jorge Kajuru, que cobriam o cotidiano da seleção brasileira, informados do acontecimento esperaram os dois jogadores pela madrugada e deram “o furo de reportagem” em rede nacional. No calor do acontecimento, Renato e Leandro foram afastados dos treinamentos na manhã seguinte e cortados por Telê. Uma comissão liderada por Sócrates, Zico e Júnior convenceu a mantê-los no grupo.
- 15 Mas a sua manutenção no grupo amplificou os conflitos e tensões. Em um amistoso contra a seleção peruana, Éder deu uma cotovelada no zagueiro e foi expulso. Renato o levou até a lateral do campo e pediu aplausos. Isto foi visto como um ato de indisciplina pelo técnico, como indicam os periódicos consultados. A tensão continuou nos treinamentos. Renato era muito individualista e perdia a bola. Telê reclamava e ele respondia. A tensão ficou insuportável no penúltimo amistoso antes da Copa. Renato e Telê se desentenderam

no campo e o jogador foi desligado da delegação ainda no vestiário da partida, segundo relatos da entrevista com o informante.

- 16 Juca Kfourri aponta, da perspectiva da crônica esportiva, os motivos e as preocupações relativas ao corte de Renato:

Dos cinco degolados, dois exageraram em suas reações. O goleiro Gilmar e o pontadireita Renato. [...] para o ponta gremista a injustiça foi tão grande que ele gostaria de “passar com um caminhão por cima de Telê” [...]. Mas nem por isso considero que tenha havido injustiças, apesar da dispensa de Renato ter surpreendido. Curioso, no entanto, que os adeptos da teoria “primeiro o homem, depois o jogador” estejam indignados com a degola do ponta – que não é exatamente um exemplo de bom comportamento, embora como diz João Saldanha “ninguém o queira para casar com a filha, e, sim para jogar futebol” [...] Que Renato é mais jogador que Edvaldo não há dúvidas. Mas que é incapaz de obedecer um esquema tático também é inegável [...] E Renato dançou por desobediência (Placar, 12 de maio de 1986, p.30).

- 17 Creio ser importante ressaltar que o tema da disciplina moral e tática, ou melhor, a falta da mesma, e a mudança no modo de jogo onde o individualismo e o drible são preteridos em favor da coletividade podem ser pensados como catalisadores da dispensa do jogador.
- 18 O tema da disciplina assinala para uma tensão em relação ao poder na esfera esportiva. Para Messner (1992) o esporte é uma instituição, assim como o exército e a escola, produtora de discursos e práticas que colocam grande relevância na ordem hierárquica e na disciplina. O termo “comandante” e “professor” – designações utilizadas no Brasil para se referir ao técnico de futebol – indicam para uma relação de controle e normatização baseada na disciplinarização das condutas do jogador dentro e fora de campo. O treinador nesta configuração, segundo a análise deste autor, interage com os atletas como um pai. O estereótipo do treinador segue três direções: a de pai que se devota a desenvolver a personalidade de seus atletas, dá-lhes segurança, apoio e confiança ou a de comandante autoritário que desconta suas frustrações pessoais, através da dor, humilhação, e de um código draconiano de condutas e exercícios, nos seus atletas. Há ainda uma terceira via de conduta do treinador estabelecida pelo processo de profissionalização dos esportes e da dinâmica do campo esportivo no qual vencer, e não competir, é que se constitui a finalidade máxima do esporte. Nesse caso, o treinador pode, além de combinar os estereótipos de carrasco e pai, fazer exigências explorando o desejo do reconhecimento e do sucesso, tanto do jogador, quanto dele próprio através das vitórias.
- 19 Assim como Messner (1992), Florenzano (1998) ajuda a pensar estas questões na medida em que aponta para mudanças na prática esportiva e nas ações dos atores deste campo após a Copa de 1966. Este autor utiliza dos ensinamentos de Foucault para compreender a formação de um quadro disciplinar na esfera futebolística brasileira, que perpassa toda a carreira destes sujeitos, onde ser vigiado dentro e fora de campo se torna a regra. Utilizando da história de vida de Afonsinho e Edmundo como exemplos de resistência a este novo modelo, Florenzano observa através da mídia escrita a exigência de intensificação e o prazer (coercitivo a princípio e depois naturalizado) da atividade física, da obediência tática e moral e do autocontrole das emoções para a construção do futebolista moderno.
- 20 Percebe-se que ao mesmo tempo em que há uma maior disciplinarização do jogador – transformado em máquina, como quer o autor – há uma estigmatização da individualidade e do drible como anormal no futebol moderno. “Porém, há muito tempo que o futebol moderno concedera ao drible um lugar marginal e o tornara coisas de marginais” (Florenzano 1998: 142).

- 21 Assim como indica Florenzano em relação a Afonsinho e Edmundo, podemos compreender que Renato também foi considerado um jogador problema. Um jogador marginal, “bandido” que transgredia a ordem hierárquica estabelecida nas relações entre técnico e jogadores. Não obedecia às regras estabelecidas, aos esquemas de jogo (não atuava em prol do coletivo, diziam), aos horários pré-estabelecidos, às renúncias da concentração. Era o indivíduo que não gostava de treinamentos, mas de sair para as festas e noitadas.
- 22 Renato era retratado pela imprensa como um jogador impulsivo, individualista, driblador, contestador, provocador, “maluco”, sedutor e incontrolável. Certamente eram categorias de acusações (Velho, 2004) ou de legitimação, dependendo do contexto, para dotar de entendimento as ações deste jogador. Quando atuava a contento era considerado a grande revelação do futebol brasileiro. Mas sua vida fora de campo era marcada por polêmicas. Diz-se que ao ser questionado sobre os mil gols feitos por Pelé, o jogador rebateu: “Pelé marcou mil gols, mas eu comi mil mulheres”. Em matéria para a revista *Veja* de 21 de dezembro de 1983, após ter marcado dois gols contra o Hamburgo e conquistado o Mundial no Japão, Renato dá um recado para o seu clube, o Grêmio sobre o assédio de outras equipes: “sou jovem, estou no auge da minha carreira e tenho mais é que ganhar dinheiro”.
- 23 Em entrevista para *Placar* em 10 de maio de 1985 afirmava categoricamente “tenho certeza de que vou para a Seleção”. Se autoconvocava e se autodenominava peladeiro inconsequente.<sup>1</sup> Queria jogar independente das lesões. Apontava o que treinador deveria esperar de suas atuações. Ao ser cortado desabafou que não gostaria de jogar em uma seleção marcada “pela politicagem, pela injustiça, pela desonestidade”. E quando o Brasil foi eliminado pela França culpou “a teimosia do Telê”, seu desafeto desde o corte, e principalmente a sua ausência nos gramados mexicanos, isto porque “teria estraçalhado” as equipes da Copa.
- 24 Ao contrário de Renato, Leandro era retratado como um homem sensível, tímido e introvertido. Um jogador que padecia de problemas emocionais.
- 25 No final de 1985 a revista *Placar* publicou uma capa com Leandro. O renascimento de Leandro era o título. A foto central da revista enfocava seu rosto e parte da camisa do Flamengo, seu clube. A matéria central relatava a superação de uma desilusão amorosa, dos problemas do joelho e da volta em grande estilo numa posição diferente da que atuava inicialmente.
- 26 A matéria também explorava a intimidade do atleta. Nela, ele revelava que não manteve relações sexuais com a esposa por meses a fio antes da separação. E depois esporadicamente “transava” com ela sem esperanças de voltar. A vida privada de Leandro tornou-se pública: a separação da esposa, o refúgio na bebida, a falta do filho, a busca por terapia. A confissão da fragilidade do homem, amante, pai foi explorada, neste momento, para entender seus fracassos e explicar sua redenção. Aqui Leandro representa o novo homem que se emociona com a separação do filho querido e da mulher desejada, mas que nem por isso se entrega e deixa as adversidades privadas afetarem o seu desempenho público.
- 27 Como faz crer Connel (1995), a masculinidade hegemônica não existe de forma cristalizada, transformando-se dependendo do contexto social, histórico existir de forma cristalizada, transformando-se dependendo do contexto social e histórico e da posição do indivíduo. Mas tanto esta autora como Almeida (1995) assinalam que diversas

masculinidades são construídas e coabitam nos espaços sociais. Assim a hegemonia e a submissão de padrões de masculinidade estão sempre em jogo. Pelos relatos da imprensa e a maneira como os atletas são retratados não me parece que nenhum dos dois está localizado na esfera hegemônica do campo esportivo. Ambos são retratados como desviantes. Pois se de um lado a desobediência é percebida como negativa, por outro é a ausência de controle emocional que carrega esta carga. Mas se há um atleta que se aproxima da masculinidade hegemônica dominante é Renato, pois ele é representado como um homem confiante, que desafia outros homens e é conquistador, sedutor de mulheres.

## II

- 28 No dia do embarque para o México, Leandro não apareceu no aeroporto. Segundo os relatos, Zico, Júnior e Telê Santana foram ao apartamento do atleta para convencê-lo a embarcar. Ele não foi convencido. “Ele não se conformou com o corte de Renato e se sente culpado pelo que aconteceu, explicou Zico ao voltar uma hora depois com olhos embaçados” (Veja, 14 de maio de 1986, p.80).
- 29 Os jornais e revistas imediatamente passaram a especular sobre a decisão, inédita, de um jogador renunciar a convocação para uma Copa do Mundo. É preciso atentar que a Copa do Mundo é a competição mais importante desta área esportiva, o local de maior visibilidade para os profissionais da bola. É onde se produzem histórias e memórias sobre o esporte, criam-se heróis, vilões, estabelecem, legitimam ou rompem com formas e representações de praticar e dar significado ao futebol (Toledo, 2002).
- 30 Vários motivos foram explorados pelos meios impressos para entender a decisão de Leandro.<sup>2</sup> Uma série de acusações foram desferidas.
- 31 Elas iniciam-se enfatizando a rebeldia de Leandro. Como era amigo de Renato Gaúcho decide protestar contra a autoridade estabelecida. Portanto é um jogador rebelde, “bandido”, assim como seu amigo Gaúcho. No momento seguinte retoma sua carreira e desilusões da vida privada para justificar sua ação. A decisão de Leandro é a de quem passou por relacionamentos amorosos difíceis, por oscilações, emoções e choques na sua vida – se rendeu ao álcool, dizem os relatos. “Acometido de súbita depressão (...) educado dentro de rígidos padrões morais (...) estudou em colégio dirigido por freiras e foi coroinha por muitos anos” (Veja, 14 de maio de 1986).
- 32 Depois do relato sobre a anormalidade mental do atleta, do vício que o fez tomar uma decisão precipitada surge os relatos de homoafetividade. A relação com “seu companheiro de todas as horas” Renato foi o “verdadeiro” motivo da deserção.
- 33 A revista Placar dedica a capa da edição de 19 de maio de 1986 para o caso da “amizade sem limites” entre os dois jogadores. Quatro repórteres são selecionados para desvendar “um dos casos mais explosivos de toda a história do futebol brasileiro” (Placar, 19 de maio de 1986, p.16). Quase dez páginas da revista tratam do caso Leandro e Renato. Fica-se sabendo que os dois compartilhavam o mesmo quarto na concentração, desalojando outras duplas, compartilhavam suas roupas e materiais de higiene pessoal, se viam com frequência nas viagens de Renato ao Rio de Janeiro. Tinham ciúmes da aproximação e dedicação de outros na relação que era somente dos dois.
- 34 Marcelo Rezende sugere que:

Na seleção brasileira, como nos clubes – de resto em qualquer outro lugar – há, sempre pessoas que estabelecem sólida relação com outra, **transcendendo o limite da mera camaradagem** nascida de **afinidades comuns**, mas não se conhecia, dentro do universo do futebol, detalhes sobre uma ligação tão profunda como a que existe entre Leandro e Renato (Placar, 19 de maio de 1986, p.22). (Grifos meus).

35 E Juca Kfourri acrescenta:

Importa menos saber até que ponto **a intimidade de Leandro e Renato ultrapassa os limites** do que se convencionou deva ser o relacionamento entre dois homens. E se Leandro estava ou não embriagado ao decidir-se. Importante em reconhecer em seu gesto como estão envenenadas as relações dentro da seleção (Placar, 19 de maio de 1986, p.30). (Grifos meus).

36 Ora, como faz crer Bell e Coleman (1999), as relações de amizade são relações particulares baseadas em escolha pessoal, espontaneidade afetividade, intimidade, confiança e igualdade e reciprocidade<sup>3</sup>. Neste sentido, a relação em questão não se encontra fora dos padrões estabelecidos “(...) do que se convencionou ser o relacionamento entre dois homens”. Então, por que os discursos dos periódicos enfatizam que a amizade ultrapassou limites?

37 Em Le Breton (2008), Da Matta (1993) e Abu-Lughod e Lutz (1990) as emoções são categorias de organização da realidade social. A amizade (como a saudade, pode ser considerada uma emoção para estes autores) é uma linguagem que adquire sentido e significado em cada configuração e contexto cultural e histórico específico. Para estes autores as emoções comunicam algo em um contexto específico e afetam a vida social. Portanto, os discursos sobre emoções são como idiomas de comunicação que além de evocarem relações de poder, produzem determinadas performances e sociabilidades.

38 Ora, não é isso que indicam Rojo (2012) e Rezende (2002), um ao estudar uma comunidade naturista no sul do Brasil a outra ao explorar os significados de amizade através dos discursos de ingleses e brasileiros?

39 Na perspectiva de Rojo (2012) a categoria idealizada nos discursos nativos da Colina do Sol, “amizade de infância”, estaria associada à pureza das relações entre os frequentadores. Portanto seria uma amizade verdadeira, aberta, sem preconceitos, mais fortalecida e não erótica. Uma amizade natural não corrompida pelas máscaras sociais do mundo da cultura. Estas qualidades da categoria amizade neste contexto tornariam os indivíduos iguais e revelariam as verdadeiras intenções do sujeito e a essência do seu eu. Mas esta categoria também comunica e evidenciam jogos de poder, práticas políticas e hierárquicas, desconstruindo assim a imagem idílica da própria categoria e revelando as construções sociais das emoções e sentimentos dentro de um contexto específico.

40 Rezende (2002) ao explorar os significados de amizade identifica duas formas de falar sobre amizade. Uma geral que atrela a amizade a concepções e valores morais e outra específica que a associa à experiência da relação com os amigos. Importante ressaltar que a ideia de pessoa nestes dois contextos estabelece o modo como a amizade é pensada. Em Londres os discursos sobre amizade giram em torno do self e do dilema em ter ou não autonomia em relação ao amigo. A pessoa é retratada como tendo lados mais ou menos verdadeiros que se revelariam em diferentes contextos sociais e a amizade é pensada pelos vieses de classe, gênero, sexo, idade e grau de escolaridade. O humor é importante na sociabilidade e preocupa-se com a vulnerabilidade da intimidade. Existem limites para a exibição do eu para o outro. Aqui está o limite que torna uma pessoa “polite” ou não em relação ao amigo. Ao passo que entre cariocas a categoria “amigo” é marcada pela



pluralidade e pelo grau de intimidade com o sujeito. A amizade depende do contexto e da relação entre as pessoas. Intimidade, afinidade de visão de mundo e compartilhamento de experiências diversas diferenciariam o amigo de verdade de outras formas de relacionamento.

- 41 Pois bem, se no contexto da Colina do Sol é a categoria “amizade de infância” que impõe limites às relações, no caso da amizade em Londres é a “politeness” (gentileza, cortesia e educação, ou seja, certo autocontrole) que faz estas vezes. No contexto do futebol, podemos pensar que a “amizade sem limites” rompe com a ordem estabelecida neste universo. Pois transgride as ideias e as expressões de um determinado sistema simbólico de classificação e ordenação da realidade social. No campo esportivo, assim como em outros campos de reserva masculina, as relações de “bonding” e amizade não operam pela emotividade e sim pela ação conjunta<sup>4</sup>. Fazer as coisas juntos, utilizar linguagem violenta, misógina e homofóbica, vangloriar-se, competir, ser individualista e paradoxalmente se sentir como uma família são maneiras de estabelecer relações íntimas entre atletas (Messner, 1992 e Curry, 2002).
- 42 Em suma, o apoio neste momento, expresso pela desistência da maior competição da modalidade em favor da dor do amigo, representa uma inversão da ordem masculina hegemônica. É uma transgressão dos limites, pois na esfera esportiva não se espera uma relação entre homens marcada por solidariedade e sim pela submissão e marginalização de indivíduos e coletividades. A submissão está ligada à esfera de dominação em que homens heterossexuais percebem como inferiores homens homossexuais. A homossexualidade é percebida como uma ameaça e tratada de forma pejorativa e violenta. Como as práticas homossexuais são percebidas com desgosto devido à associação com a passividade, homens que se encaixam nessa categoria são acusados de feminilidade. Ser associado à mulher nas relações entre masculinidades equivale a se posicionar na esfera mais baixa da hierarquia patriarcal, o que implica ao indivíduo ser submetido à dominação de outros que se encaixam ou são cúmplices do ideal hegemônico de masculinidade. Como o ideal hegemônico é quase irrealizável já que poucos homens o atingem, os discursos, as imagens e as representações de masculinidade hegemônica necessitam de ressonância. Daí que os homens são cúmplices uns dos outros na manutenção da estrutura de dominação patriarcal que subjuga as mulheres, os homossexuais, os velhos, os deficientes, entre tantos outros tipos de masculinidades alternativas e marginalizadas.
- 43 No caso da esfera esportiva e nas relações entre treinadores e jogadores existe a cumplicidade com toda a estrutura da ordem generificada de dominação e autoridade. Creio que a decisão de Leandro quando associada à solidariedade a outro homem é percebida com estranhamento em um ambiente de reserva de masculinidade. As acusações de homoafetividade propagadas pela imprensa evidenciam a desordem dos valores e símbolos desta atividade esportiva, apontam para a feminilização de um universo masculino. E reivindicam outra justificativa que não a amizade, baseada na paixão, intimidade e desejo para justificar uma decisão controversa. Creio que este ponto indica a quebra da fronteira, do limite, da relação entre dois homens na esfera esportiva.
- 44 A justificativa que deu sentido à desistência e renegociou a transgressão baseou-se em problemas físicos. O atleta veio a público e produziu novo discurso para a imprensa esportiva<sup>5</sup>. O discurso sobre a corporeidade toma o lugar do homoerotismo. As dores sofridas em decorrência da atividade que exercia e do mal congênito (Leandro sofria do “mal de cowboy”, ou seja, possuía as pernas arqueadas) afetavam seus joelhos

prejudicando o equilíbrio e conseqüentemente o desempenho. Segundo o atleta, problemas quase o fizeram abandonar o futebol precocemente. Como atuava na lateral direita era bastante acionado e as lesões, frequentes devido ao esforço físico. Decidiu atuar pela zaga central, mas o treinador insistia em posicioná-lo na lateral direita. Portanto não era uma afeição pelo seu amigo que o motivará a desistir de jogar uma Copa do Mundo. “Os verdadeiros motivos para a deserção” eram outros: sofria de problemas físicos, jogava com dores e não tinha mais condições de atuar na lateral direita.

E acabou que o Telê cortou o Leandro por falta de condição física, pelo problema que ele teve no joelho. E aí, as pessoas, quando o Leandro foi cortado, aí eu ouvia as notícias todas em jornais dizendo que o Leandro foi solidário ao Renato. Que não foi a Copa porque foi solidário ao corte do Renato que tinha acontecido bem atrás, há um mês ou há dois meses antes [...] Isso é tudo mentira, tudo uma conversa. O Leandro não foi por um problema no joelho e o Renato foi cortado por indisciplina. Não houve nada. Houve até conversa sobre os dois, maldade sobre os dois [...] Não existe nada disso. Eram apenas amigos, como eu também era amigo deles, era amigo de outros jogadores (Informante entrevistado em 2012, jogou a Copa de 1986).

- 45 Quase trinta anos depois a amizade sem limites foi significada novamente: agora ela seria percebida como solidariedade. Nada de acusações de doença mental ou suspeitas de homoerotismo, mas sim elogios à ação de solidariedade ao companheiro de profissão.
- 46 Em 17/11/2007 no canal ESPN o jornalista Juca Kfourri em seu programa de entrevistas encontra-se face a face com Renato Gaúcho que naquele momento era técnico do Fluminense.<sup>6</sup> Aos 5 minutos e 35 segundos ele inicia a sua pergunta com uma afirmação que indica que o assunto é excepcional.

Juca Kfourri: Renato, você é protagonista, talvez, do episódio de maior **solidariedade**, não estou exagerando, no futebol. Tenho quase 40 anos de carreira jornalística. Não me lembro de um episódio semelhante. Que se aproxime **daquilo** que aconteceu entre Leandro e você às vésperas da Copa de 86. Porque você não foi chamado; ele dizer “eu também não vou”. Você já parou para pensar [...] você já viu alguma coisa parecida na história do futebol?

Renato: (respira fundo... balança a cabeça) Não. Você até colocou bem Juca. Se você tem 40 anos de profissão e não viu, eu que tenho alguns anos a menos também não vi. E vou falar mais, e tem muita gente que não tem coragem de dizer. Eu faria tudo de novo. Mesmo sabendo que eu estava errado. Mas jamais vou deixar **um amigo** na mão. Aquela história, nós estávamos na casa do Éder, fazendo um churrasco. Nós estávamos há um mês presos na Toca da Raposa [...] com todo respeito ao professor Telê (eu aprendi muito com ele, muito!). Ele tinha família em BH e todo dia ele ia para casa. Tudo bem era nossa profissão. Mas nós ficamos presos, ficamos lá quase 30 dias. Aí, ele resolveu dar uma folga para gente. Deu uma folga no domingo das dez da manhã as dez da noite [...] quem morava em outro Estado não dava nem para ir em casa [...]. Nós fomos neste churrasco. Estavam lá dez, doze jogadores começamos a comer, *a tomar* [...]. Aí nos fomos na casa de uma amigo do Éder tomar uma saideira. Estávamos ainda no prazo era umas oito horas da noite. Nós estávamos em oito, dez jogadores. Só que toma uma, toma outra [...] Saideira, saideira, saideira. Nós estávamos do lado da Toca (aponta para o punho onde fica o relógio). Aí... Vamos embora, vamos embora, vamos embora. Só que o dono do apartamento começou a meter pilha: “**pô, tem uma boate, tem mulher bonita**, vamos lá!”. Não a gente tem que voltar para a Toca, contra nossa vontade, mas nós temos que voltar. “Não, vamos ficar, vamos ficar, vamos ficar” e o Leandro entrou na pilha dele. Mas nós estávamos de short e camiseta, com a roupa até da Seleção. Aí o cara daqui a pouco levou o Leandro para dentro e daqui a pouco volta o Leandro com camisa e calça. É isso que ele queria: “eu tô pronto para a boate”. Não, você não pode. E o Leandro já tinha bebido demais. Aí já eram Vinte para as Dez, aí olhei pros outros e falei vamos levar ele na marra. Tamos oito, dez ele é um, vamos carregar o

cara. Aí todo mundo foi saindo [...] começou a discutir. Eu não vou deixar o cara sozinho na boate. O cara continuou metendo pilha nele: “só um pouquinho, vamos” [...]. **Resumindo acabamos indo. Não vou deixar o cara porque ele tava mal.** Eu vou porque ia ter que levar o cara de volta para a Toca. **Ficou lá, se divertiu. E eu cuidando dele na boate ainda (risos), o pior é isso.** Aí voltamos para a Toca, acho que já eram 3 horas da manhã, 3 e pouco. Alguém me ligou e falou: “olha Renato pula o muro que o segurança não vai ver. Aí sete e oito pularam o muro. Aí o Leandro é meu parceiro e ele não tinha condições de pular o muro. Aí não vai dar, vamos ter que entrar pela parte da frente [...] Aí o dia seguinte o professor Telê nos chamou e falou: “vocês estão cortados”. Aí eu falei por quê? “Porque vocês chegaram atrasados, depois da hora”. **Eu não ia entregar os outros, obviamente** (pega a taça com água, olha para ela e balança). Mas isso foi um aprendizado para mim e faltavam seis meses para uma Copa do Mundo [...]. Eu acho que ele foi muito rigoroso. (Grifos meus).

- 47 Gostaria de apontar para uma série de questões que envolvem a resignificação da categoria “amizade sem limites” em solidariedade e amizade entre homens, em “amizade viril” (Vincente-Buffault, 1996).
- 48 Em primeiro lugar, o jornalista não se refere a acusações de homoerotismo explicitamente. Ele aborda de maneira bem evasiva e eufemística sobre “aquilo”. E a resposta de Renato também não explica o que seria “aquilo” que determinou a decisão de Leandro em relação à deserção da Seleção brasileira. Ele se preocupa em resgatar os eventos que culminaram com o corte de ambos da Copa de 1986 – Leandro seria perdoado mas Renato, não.
- 49 Em seguida o atleta não responde claramente sobre a acusação de homoerotismo, muito pelo contrário enfatiza que o problema foi a “esticada na boate, cheia de mulher bonita” e ainda ironiza que “teve que tomar conta do amigo na boate enquanto ele se divertiu”. Pois bem, neste sentido Almeida (1995) ao observar como a sociabilidade masculina é construída e reproduzida através de discursos e práticas nos momentos de lazer de homens de camada operária indica que o bar, a taverna, o café e as festas, bailes e boates são espaços de socialização marcados por uma etiqueta elaborada da masculinidade. O bar é a “casa dos homens”, espaço de alianças, de interação jocosa, de controle da bebida, de conversas exageradas e brigas ensaiadas, competições de diversos tipos. É o local da performance masculina ritualizada. A saída noturna para festas, bailes e boates é uma aventura masculina entre amigos.
- 50 Portanto a resposta de Renato volta a normatizar a relação entre homens que são amigos.
- 51 Não responde sobre a ação de solidariedade do amigo, mas evidencia a sua própria decisão de solidariedade, o que transforma a ação de Leandro em uma ação de reciprocidade que o obrigaria a retribuir o gesto e a postura de honra e moral. E por fim, enaltece a sua própria masculinidade e afasta de vez a suspeita de homoerotismo: teve autocontrole para não ficar bêbado, não abandonou o amigo em dificuldades, cuidou dele, entrou pela porta da frente da concentração, mesmo tendo descumprido o horário previsto (não foi covarde, deu e pediu satisfação) e não delatou outros envolvidos no episódio que não foram corajosos o suficiente para enfrentar a autoridade estabelecida. O discurso com vários aspectos da masculinidade hegemônica e desejável volta à baila. Portanto, o depoimento final revela que a ação é justificável e esperada. Homens sendo solidários com outros homens: isso é o que se espera que homens devam fazer para afirmar sua camaradagem. Nada mais deve se dito sobre o assunto das intimidades.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABU-LUGHOD, Lila and LUTZ, Catherine. 1990. "Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life". In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. A. (Ed.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press,
- ALMEIDA, Miguel Vale de. 1995. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século Edições Ltda.
- BELL, Sandra; COLEMAN, Simon. 1999. "The anthropology of friendship: enduring themes and futures possibilities". In: BELL, Sandra and COLEMAN, Simon. (Ed.). *The Anthropology of friendship*. Oxford: Berg.
- CARNAVAL em dezembro. Veja 21 de dezembro de 1983, p.65-66.
- CANARINHO desastrado. Veja 14 de maio de 1986, p.80-85.
- CONNEL, Raewin. 1995. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Los Angeles: UCP.
- CURRY, Timothy Jon. 2002. "Fraternal bonding in the locker room: a profeminist analysis of talk about competition and women". In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne. (ed.). *Gender and sport: a reader*. London: Routledge.
- DAMATTA, Roberto. 1993. "Antropologia da saudade". In: DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAMO, Arlei Sander. 2007. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs,
- DESCOLA, Phillipe. 2006. *As lanças do crepúsculo*. São Paulo: Cosac & Naify.
- DURRENBERGER, E.Paul; PALSSON, Gisli. 1999. "The importance of friendship in the absence of states, according to the Iceland sagas". In: BELL, Sandra; COLEMAN, Simon (Ed.). *Anthropology of friendship*. Oxford - UK : BERG.
- FLORENZANO, José Paulo. 1998. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora.
- JOGADOR pede desculpas e diz que só joga na zaga central. Folha de São Paulo, 10 de maio de 1986.
- KFOURI, Juca. Qual o crime de Telê? Placar, 12 de maio de 1986.
- KFOURI, Juca. Abre os olhos, Telê! Placar, 19 de maio de 1986.
- LE BRETON, David. 2009. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- LEANDRO: o craque renasceu. Placar. 22 de novembro de 1985, p. 28-29.
- LEANDRO protesta e deixa a seleção. Folha de São Paulo, 09 de maio de 1986.
- LEANDRO dá vexame e tumultua embarque da seleção. Folha de São Paulo, 09 de maio de 1986.
- LEANDRO conta por que renunciou. Folha de São Paulo, 10 de maio de 1986.
- LIPMAN-BLUMEN, Jean. 1976. "Toward a homosocial theory of sexy roles: an explanation of the sex segregation of social institutions". In: SIGNS, vol.1, nº 3, *Women and the workplace: the implications of occupational segregation*. The University of Chicago Press. Spring: 15-31.

- MESSNER, Michael. 1992. *Power at play: sports and the problem of masculinity*. Boston: Beacon Press books.
- NEVES, Marcos Eduardo. 2002. *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaucho*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- O super-herói da esperança. *Placar*, 12 de maio de 1986.
- RENATO Portaluppi: Tenho certeza de que vou para a seleção. *Placar*, 10 de maio de 1985. p.25-28.
- REZENDE, Cláudia Barcelos. 2002. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- REZENDE, Marcelo. Surpresas e protestos. *Placar*, 12 de maio de 1986.
- REZENDE, Marcelo. O caso Leandro: amizade sem limite. *Placar*, 19 de maio de 1986.
- RIAL, Carmen. 2006. "Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém..." In: *Revista de dialectología y tradiciones populares*, julio-diciembre, vol LXI, nº 2: 163-190.
- RIBEIRO, André. 2000. *Fio de esperança: a biografia de Telê Santana*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- ROJO, Luiz Fernando. 2012. "Vivendo 'nu' paraíso": comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol. Rio de Janeiro: Dígrafo Produção de Mídias Ltda.
- TELÊ anuncia hoje se convoca substituto para Leandro. *Folha de São Paulo*, 10 de maio de 1986.
- TOLEDO, Luiz Henrique. 2002. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, FAPESP.
- UM novo acidente na desastrada vida de Leandro. *Veja* 28 de maio de 1986.
- UMA surpresa quase previsível. *Veja* 14 de maio de 1986.
- WACQUANT, Loic. 2002. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_. 1998. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, Daniel.(org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas - SP: Papirus.
- VELHO, Gilberto. 2004. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. 1996. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

## NOTAS

1. Na década de 80 do século XX a categoria peladeiro indicava tanto para uma qualidade quanto para uma preocupação. O peladeiro era o atleta imprevisível, aquele que era capaz de encantar pelos seus dribles e jogadas geniais típicas dos campos de terra batida. Ao mesmo tempo era aquele que não se detinha à disciplina tática, não se conformava com o padrão de comportamento exigido de um atleta profissional. Era indisciplinado tanto em campo como fora dele. Dentro de campo usava as meias arriadas nas canelas, sem caneleiras de proteção, a camisa fora do calção. Não raro agredia adversários e contestava o treinador. Fora do campo vivia uma vida de boêmio: festas, noitadas, mulheres e bebidas alcoólicas. Preferia jogar ao treinar. Jogava sem treinar, sem descansar das noitadas.
2. As manchetes dos periódicos exploram de diversos ângulos a decisão do atleta: "Canarinho desastrado", "Uma surpresa quase previsível", "Leandro protesta e deixa a seleção", "Leandro dá

vexame e tumultua embarque da seleção”, “O caso Leandro: amizade sem limite”, “Abre os olhos, Telê!”, “Leandro conta por que renunciou”, “Jogador pede desculpas e diz que só joga na zaga central”.

3. Abu-Lughod e Lutz (1990), Durrenberger e Palsson (1999), Descola (2006) entre outros discordam desta afirmação. Estes autores demonstram em seus estudos e etnografias que as amizades são relações contextuais, nem sempre voluntárias, marcadas por discursos que envolvem práticas de poder e hierarquia

4. Lipman-Blumen (1976) explora a ambiguidade da esfera esportiva como o local de liberdade de contato corporal e ao mesmo tempo de um contato violento e agressivo que retira toda a conotação de homossexualidade. Local de homosociabilidade onde pessoas sintam atração uma pela outra e procurem companhia, interesses, estímulos e reforços entre si.

5. Tanto Toledo (2002) como Florenzano (1998) evidenciam a lógica do discurso da imprensa esportiva como dotado de poder normalizador e de controle sobre o indivíduo desviante. A imprensa seria o tribunal no qual as confissões dos jogadores ressonariam para a opinião pública que por sua vez o julgariam como culpados ou inocentes.

6. Canal de esportes de televisões com programações por assinatura. Esta entrevista pode ser conferida na íntegra pela internet no canal youtube. <http://www.youtube.com/watch?v=l44e91fZKwI>

---

## RESUMOS

O artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre futebol, masculinidade e amizade. Procura compreender, através de relatos da imprensa escrita, a categoria acusatória “amizade sem limites” no caso envolvendo os atletas Leandro e Renato nas vésperas da Copa do Mundo de 1986. Aborda como a masculinidade dos dois atletas foi retratada para compreender o desligamento de um e a renúncia do outro da seleção brasileira. Aponta que a amizade quando pensada como sem limites impõe suspeitas sobre a masculinidade e acomete perigosamente tanto os atletas quanto a própria esfera do futebol. Explora a transformação da categoria de acusação em algo mais compreensível e legítimo para este campo social, o que resulta em uma negociação de significados sobre a amizade afastando-a do viés da afetividade e aproximando-a da solidariedade.

The aim of the article is to reflect upon the relation between soccer, masculinity and friendship. Based on the accounts of the sports media it tries to understand the accusatory category “limitless friendship” which was labeled the relationship among two athletes – Leandro and Renato – on the verge of the 1986’s World Cup. It also proposes to reveal how the masculinities of the aforementioned athletes were depicted to understand the detachment of Renato and the renouncement of Leandro from the Brazilian team. Moreover it points out that when a friendship relation is thought of as limitless it imposes a not only a threatening to the masculinity of the athletes but also to the social field itself. Furthermore the article explores the negotiation of the meaning of the accusatory category in order to show its transformation. In order to detach it from the emotional bias and to approach from something that could be praised and understood in a all males dominant universe, such as solidarity.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** futebol, masculinidade, amizade, relações de gênero, Copa do Mundo

**Keywords:** soccer, masculinity, friendship, gender relations, World Cup

## AUTOR

**LEONARDO TURCHI PACHECO**

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG